

## COMEÇO DA HISTÓRIA

PELO PROFESSOR DE DESENHO WALTER  
HARTRIGHT, DE CLEMENT'S INN

### I

Esta é a história do que pode suportar a paciência de uma mulher e do que pode conseguir a perseverança de um homem.

Se a engrenagem da lei se pusesse em movimento só pela investigação dos casos suspeitos e pronúncia dos respectivos réus, apenas com moderado recurso a esse óleo que se chama ouro os acontecimentos que preenchem estas páginas teriam direito a participar das sessões de qualquer tribunal judicial.

Mas a lei é ainda, em certo número inevitável de casos, serva submissa das bolsas bem recheadas. Assim, a história tem de ser contada aqui, mas o leitor conhecê-la-á exactamente como a ouviria o juiz. Por mais insignificantes que sejam os factos, do princípio ao fim só deporão testemunhas fidedignas. Enquanto for o autor desta introdução (Walter Hartright, de seu nome) quem estiver mais informado das circunstâncias a relatar, será, então, o depoente; se, porém, diminuir o seu conhecimento dos ditos factos, já o narrador passará a ser outro, e a sua tarefa será continuada, a partir do ponto em que a deixou, por outras pessoas que possam falar das circunstâncias de cada sucesso com a mesma clareza e conhecimento de causa com que ele falara anteriormente.

A história é, pois, escrita por mais de uma pena, assim como nos tribunais se apuram os crimes através do que dizem várias e diferentes testemunhas; e sempre, numa hipótese como noutra, com o propósito de apresentar a verdade no seu aspecto mais directo e inteligível, fazendo com que a declarem, palavra a palavra, as pessoas que mais de

perto estiveram relacionadas com os acontecimentos nas suas sucessivas fases.

Deixemos entretanto Walter Hartright, professor de Desenho, de vinte e oito anos de idade, ser o primeiro a falar.

## II

Era o último dia de Julho. Aproximava-se do fim o longo e cálido Verão, e nós, peregrinos fatigados das ruas de Londres, começávamos a pensar nos céus nublados sobre as searas e nas brisas outonais a soprar na costa.

Pela parte que toca à minha humilde pessoa, devo dizer que esse Verão não só me deixava abatido física e moralmente, como também desprovido de dinheiro. Durante o ano, eu não administrara os meus recursos profissionais com a prudência habitual, e por causa das prodigalidades anteriores via-me agora restringido à perspectiva de passar o Outono da maneira mais económica, entre a casa de campo da minha mãe, em Hampstead, e os meus aposentos de Londres.

A tarde, recorro-me, estava pesada, sufocante. Esmorecia o rumor longínquo do movimento nas ruas; à medida que o Sol se afundava, parecia desfalecer em unísono, cada vez mais fraco, o pulsar da vida dentro de mim e o do coração da cidade. Larguei o livro em que tentava concentrar a atenção e saí de casa para apanhar um pouco de ar fresco nos subúrbios. Era uma das duas noites em cada semana que costumava passar com a minha mãe e a minha irmã. Por este motivo, encaminhei os passos na direcção de Hampstead.

Por vários factos que terei de relatar, torna-se necessário dizer aqui que o meu pai falecera alguns anos antes da época a que me refiro agora, e que a minha irmã Sarah e eu éramos os únicos sobreviventes de cinco filhos. O meu pai, professor de Desenho como eu, obtivera êxito na sua profissão; e, desejoso de assegurar o futuro da família, desde os primeiros tempos de casado que, dos seus vencimentos, punha de parte uma quantia maior do que muitos homens consideraram necessária para esse fim. Graças a essa providência, a minha mãe e a minha irmã ficaram tão independentes como o tinham sido durante a vida do meu progenitor. Sucedi-lhe na carreira, e não faltavam razões para me sentir satisfeito com o panorama que se me apresentava ao iniciar a nova existência.

Ainda a luz do crepúsculo tremulava nos pontos mais altos (enquanto, lá em baixo, Londres mergulhava nas sombras da noite) quando cheguei

ao portão da vivenda da minha mãe. Mal toquei a campainha, abriu-se a porta da casa e o meu respeitável amigo professor Pesca, italiano de origem, apareceu em vez do criado e correu alegremente ao meu encontro, proferindo saudações com o mais cómico sotaque estrangeiro.

Em atenção à sua pessoa e, devo acrescentar, à minha também, o professor merece a honra de uma apresentação formal. Digamos de passagem que foi ele, por mero acaso, o ponto de partida da estranha história que estas páginas irão revelar.

Relacionei-me com esse italiano por o haver encontrado em casas de gente abastada onde ele ensinava o seu idioma e eu Desenho. Tudo quanto então sabia da sua vida era que ocupara um cargo na Universidade de Pádua, que saíra de Itália por questões políticas (cuja natureza jamais mencionava a quem quer que fosse) e que, havia muitos anos, se estabelecera em Londres como respeitável professor de línguas.

Sem que fosse positivamente um anão, pois era bem proporcionado dos pés à cabeça, Pesca devia ser, suponho eu, o homem mais pequeno que até hoje vi fora dos circos. Notável em qualquer parte pelo seu aspecto físico, ainda mais se distinguia entre o género humano pela inofensiva excentricidade do carácter. À viva força, queria mostrar a sua gratidão ao país que lhe dera asilo e lhe proporcionara meios de subsistência, fazendo todos os possíveis por se tornar inglês. Não satisfeito com tributar à nação a homenagem de andar sempre de guarda-chuva e polainas e chapéu branco, Pesca aspirava a ser tão britânico nos hábitos e divertimentos como na sua aparência pessoal. Notando o interesse que os ingleses tinham pelos exercícios atléticos, o homenzinho, na inocência do seu coração, devotou-se a todos os desportos e neles tomava parte sempre que houvesse oportunidade, firmemente convencido de que podia adoptar os entretenimentos nacionais como adoptara o nacionalíssimo chapéu branco.

Vi-o arriscar os membros, às cegas, numa caçada à raposa e num campo de *cricket*; e, mais tarde, vi-o arriscar a vida, não menos cegamente, no mar de Brighton.

Tínhamo-nos encontrado por acaso e estávamos a tomar banho juntos. Se andássemos a fazer qualquer exercício característico da minha nação, é claro que eu tomaria mais cuidado com Pesca; mas como, em geral, os estrangeiros são tão capazes de estar dentro de água como os ingleses, nunca me ocorreu que a natação fosse mais um desporto a aumentar a lista dos muitos outros que o professor acreditava ser fácil aprender num instante. Logo que nos atirámos às ondas, dei duas braçadas e, como não visse Pesca a meu lado, voltei-me para o procurar. Com terror e espanto, nada distingui entre mim e a praia senão dois bracinhos brancos, que

se agitaram um momento acima das águas e em seguida desapareceram. Quando mergulhei para o salvar, fui encontrar o pobre homem no fundo de uma cova de seixos, parecendo ainda mais pequeno do que era na realidade. Nos poucos minutos que decorreram enquanto eu o levava comigo, o ar reanimou-o e, com a minha ajuda, subiu os degraus da barraca. Porém, conforme recuperou os sentidos, recuperou também as suas deliciosas ilusões no que respeitava à natação. Assim que afrouxou o bater de dentes e pôde falar, esboçou um sorriso e declarou que tudo aquilo decerto fora devido a uma cãibra.

Quando já se encontrava perfeitamente bem e se juntou a mim na praia, o calor do seu carácter meridional derreteu num instante a camada superficial de fleuma britânica. Com a exuberância dos italianos, acumulou-me de expressões de gratidão. Disse que daí em diante eu podia dispor da sua vida, e que nada desejava senão ter um dia ocasião de me provar o seu reconhecimento prestando qualquer serviço que me ficasse também na memória.

Fiz o possível por deter aquela torrente de lágrimas e de protestos de amizade, persistindo em levar o caso para o lado dos gracejos. Por fim, lá consegui diminuir-lhe um pouco a ideia predominante de que estava em dívida para comigo. Na altura não me apercebi — nem mais tarde, depois de as nossas agradáveis férias terem acabado — de que em breve surgiria a oportunidade de me ser prestável, tão desejada pelo meu amigo italiano; de que ele a aproveitaria sem perda de tempo e de que, procedendo assim, mudaria o rumo da minha existência...

O certo é que, se eu não houvesse mergulhado para retirar do seu leito de seixos o professor Pesca, não haveria probabilidades de me ver envolvido na história que estas páginas vão contar — nem talvez chegasse a conhecer o nome da mulher que me enche o pensamento, em quem gastei todas as minhas energias e que se tornou a razão principal da minha vida.

### III

Na tarde em que nos encontrámos ao portão da casa da minha mãe, a cara e os modos de Pesca eram mais do que suficientes para me darem a entender que sucedera algo de extraordinário. Tornava-se, contudo, perfeitamente inútil pedir-lhe uma explicação imediata. Apenas pude conjecturar, quando ele me arrastou para dentro com ambas as mãos, que (sabedor dos meus hábitos) ali fora na certeza de me encontrar e que tinha qualquer coisa invulgarmente agradável para me dizer.

Entrámos na saleta abruptamente. A minha mãe estava sentada à janela, rindo-se e abanando-se. Pesca era um dos seus amigos dilectos, e tudo o que ele fizesse e dissesse tinha desculpa a seus olhos. Coitada! Desde o primeiro momento em que soube que o professor consagrava aquela dedicação ao filho, ela dedicou-lhe uma estima sem reservas e admitia todas as suas desconcertantes excentricidades de estrangeiro sem sequer tentar compreendê-las.

A minha irmã Sarah, com todas as vantagens da mocidade, era estranhamente muito menos condescendente. É certo que prestava inteira justiça às qualidades morais de Pesca, sem dúvida excelentes, mas não o aceitava implicitamente, só por atenção a mim, como fazia a minha mãe. A sua noção insular do decoro revoltava-se de contínuo contra o desprezo inato de Pesca pelas aparências. Ficava sempre mais ou menos admirada — e não o escondia — com a confiança que a minha mãe depositava naquele estrangeiro tão original. Tenho observado, não só no caso da minha irmã como noutros exemplos, que nós, os da geração nova, não somos nada cordiais e impulsivos como os nossos pais. Vejo constantemente as pessoas de mais idade entusiasmadas com a ideia de algum prazer antecipado, o qual de modo nenhum perturba a tranquilidade dos seus fleumáticos filhos. Seremos, afinal, tão jovens como no seu tempo foram os que nos precederam? Ou terá a educação dado um grande passo e seremos, hoje em dia, demasiadamente bem educados?

Sem tentar responder de modo definitivo a estas interrogações, poderei pelo menos observar que nunca vi a minha mãe e a minha irmã na companhia de Pesca sem ficar com a impressão de ser aquela muito mais nova do que esta. Nesse instante, por exemplo, em que a primeira ria com vontade ao espiar a nossa entrada na saleta, Sarah ocupava-se a reunir os bocadinhos duma xícara que o professor fizera cair da mesa na precipitação de se dirigir ao meu encontro.

— Não sei o que aconteceria, Walter, se te demorasses mais tempo! — disse a minha mãe. — Pesca tem estado meio louco de impaciência e eu ferveo de curiosidade. Ele trouxe notícias extraordinárias, que respeitam a ti, conforme declara; mas até agora recusou-se cruelmente a dar a mais pequena ideia do que se trata enquanto tu não aparecesses.

— Ficámos com o serviço de chá incompleto — murmurou Sarah consigo mesma, olhando desconsolada para as ruínas da xícara.

Entretanto, Pesca, sem se afligir nada com o dano irreparável que a louça sofrera nas suas mãos, arrastou uma cadeira de braços do fundo da sala; voltando-a de costas para nós, ajoelhou em cima dela e, desse púlpito improvisado, discursou à sua pequena congregação.